



A FORÇA DO FUTURO NO EXÉRCITO DE ISRAEL

ISRAELI FUTURE'S ARMY

**Natália Diniz Schwether*

RESUMO

O presente ensaio se propõe a responder ao seguinte questionamento: como Israel tem se estruturado para desenhar o futuro de sua Força? Nesse sentido, o texto materializa uma pesquisa exploratória de fontes primárias e secundárias, por meio da qual se buscou conquistar maior proximidade ao caso eleito, tanto no que diz respeito à evolução dos conceitos e estratégias que orientam suas ações, quanto aos possíveis cenários futuros a serem enfrentados pelo país. Assim, a primeira seção se dedicou a apresentar as particularidades do setor de defesa e segurança de Israel, em sequência, foram analisadas as mudanças no entorno regional e no ambiente operacional de Israel. Ao final, o foco recaiu nas iniciativas de modernização do Exército de Israel, em especial no Plano Momentum, o qual pretende tornar as Forças menores, mais eficazes e letais, e na criação da Divisão 99.

PALAVRAS-CHAVE:

Guerra do Futuro; Exército; Israel.

KEYWORDS:

Future War; Army; Israel.

ABSTRACT

This essay aims to answer the following question: how has Israel structured itself to design the future of its Force? In this sense, it conducts an exploratory research of primary and secondary sources, through which it seeks to gain greater proximity to the chosen case, both regarding the evolution of the concepts and strategies that guide its conduct and the possible future scenarios to be faced by the parents. Thus, the first section is dedicated to presenting the particularities of Israel's defense and security sector, in sequence, the changes in Israel's regional environment and operational environment are analyzed, so that, in the end, the focus will fall on the Army's modernization initiatives of Israel, especially in the Momentum Plan that aims to make the forces smaller, more effective, and lethal and in the creation of the Division 99.

*Professora substituta de Relações Internacionais na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós Doutora em Ciências Militares (ECEME) e Doutora em Ciência Política (UFPE). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (NEP - CEEEx).

Sumário Executivo

O presente ensaio dá continuidade aos estudos do ciclo de pesquisa 2020-2021 da linha de *Planejamento Estratégico e Gestão de Defesa*, vinculado ao Núcleo de Estudos Prospectivos (NEP) do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx). A referida linha se dedica, neste período, à compreensão do processo de modernização das Forças Armadas, mais especificamente, do Exército, tendo em vista, o futuro ambiente operacional da defesa.

O estudo do futuro se faz premente, na medida em que as mudanças constantes e o rápido avanço da tecnologia exigem dos líderes e das Forças, em seu conjunto, alta capacidade de adaptação e poder de resiliência para tomada de decisão e condução estratégica das ações. Igualmente, a clara identificação das ameaças, vulnerabilidades e capacidades são cruciais para a manutenção da soberania e da integridade do Estado brasileiro.

Dessa forma, o objetivo dessa agenda de pesquisa é, em primeira medida, explorar e identificar as capacidades e práticas dos demais países no emprego da Força no futuro. Conhecidas as experiências alheias, o passo seguinte é identificar aquelas que são passíveis de serem adotadas em território nacional, na orientação, no desenho e no preparo da Força no futuro.

Para isso, o primeiro ensaio foi dedicado a realizar a exploração do caso norte-americano e, dentre os achados, o mais saliente deles se trata da criação do Comando Futuro do Exército (AFC). No segundo ensaio, tratou-se do caso espanhol, o qual destacou: a inclusão do âmbito cognitivo como importante *locus* para a condução das operações militares e, dentre as estratégias de inovação adotadas, a criação da Brigada Experimental 35.

O atual ensaio se debruçou sobre Israel, um país marcado por seu pequeno território (a distância ao leste do Mar Mediterrâneo até a Cisjordânia é de apenas 12 km no seu ponto mais estreito e 25 km em sua faixa mais larga), pela desvantagem populacional frente aos países do seu entorno (a população combinada dos Estados Árabes corresponde a aproximadamente 400 milhões, enquanto Israel abriga em torno de 6.5 milhões de pessoas), o prolongado conflito Árabe-israelense e a volatilidade regional.

Diante disso, desde a criação do Estado de Israel, suas forças armadas têm investido nas mais altas tecnologias para consecução de seus objetivos de segurança nacional. No que tange ao mais recente plano de modernização. O Plano *Momentum* começou a ser implementado em 2020, com foco na atuação em rede das forças, de forma a torná-las mais eficazes, menores e mais letais. Em específico, no braço terrestre da Força, a *Divisão 99* é a principal alteração prevista no desenho institucional.

1. Introdução

Com a conquista da independência, em 1948, os líderes políticos, militares e a população de Israel passaram a se sentir constantemente ameaçados por seus vizinhos Árabes. Para lidar com essa ameaça eminente, Israel formou uma poderosa Força, a Força de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês); criou agências de segurança, como o Mossad¹, para condução de operações especiais e secretas; bem como desenvolveu, de maneira independente, sua capacidade nuclear.

Considerando o inerente desequilíbrio em termos quantitativos frente às forças árabes, Israel focou, desde o princípio, na qualidade de seus equipamentos e da excelência do treinamento proporcionado às suas tropas, de forma a estar preparado para atuar tanto defensivamente quanto ofensivamente.

Neste sentido, a IDF investe, cada vez mais, em tecnologia militar de ponta para encontrar maneiras eficazes de defender o seu território. É, a partir dessa perspectiva que este ensaio se desenvolveu, buscando, de forma mais específica, responder ao seguinte questionamento: como Israel tem se estruturado para desenhar o futuro de sua Força?

Para tanto, a principal estratégia de pesquisa foi a exploratória, a partir de um levantamento bibliográfico das principais fontes primárias e secundárias, que nos permitiu entender em maior profundidade as dinâmicas do caso escolhido.

Com isso, as descobertas realizadas a respeito de Israel têm potencial para

¹Os Corpos de Inteligência, junto com o *Mossad* (operações externas) e *Shin Bet* (operações internas), formam os três pilares da inteligência e da contrainteligência de Israel.

contribuir na compreensão das mudanças em andamento em outros Exércitos modernos que, também, passam por transformações de seus ambientes operacionais frente aos novos desafios e ameaças, os quais têm impactado no planejamento e no desenho institucional das Forças pelo mundo todo.

Assim, a primeira seção deste ensaio dedicou-se a apresentar algumas particularidades do setor de defesa de Israel. Na sequência, o segundo tópico identificou os principais cenários delineados por especialistas para o emprego futuro das Forças Armadas israelenses. O último terço foi responsável por detalhar o processo de modernização do Exército. Por fim, na conclusão, foram feitas recomendações preliminares ao Exército Brasileiro.

2. Segurança e Defesa

A Doutrina Clássica de Defesa de Israel foi formulada logo após a Guerra de Independência (1947-1949) e estava intimamente relacionada com o ambiente em que o Estado Judeu se encontrava. Naquela época, a realidade do Oriente Médio apresentava os Estados Árabes como os principais oponentes de Israel. A Doutrina enfatizava a importância de alcançar vitórias rápidas e manifestas e, para tanto, adotava uma postura militar ofensiva nos níveis operacional e tático (FREILICH, 2018).

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, essa realidade começou a se desgastar, entrando em colapso nas décadas subsequentes. Uma série de eventos- os tratados de paz de Israel com o Egito e a Jordânia, o fim da União Soviética e a desintegração do Iraque e da Síria- diminuíram a ameaça ao Estado Judeu representada pelos países árabes. Assim, a

guerra entre Israel e o mundo árabe, até então, considerada a principal ameaça para a segurança nacional, tornou-se um evento de baixa probabilidade (FREILICH, 2018).

Paralelamente, houve o surgimento de novas e diferentes ameaças ao Estado de Israel, caracterizadas especialmente pelas armas nucleares, pelos mísseis balísticos do Irã e pelos conflitos assimétricos com atores não estatais, como o Hezbollah e o Hamas, por exemplo (FREILICH, 2018).

O cenário estratégico de Israel mudou de ameaças originadas nas Forças Armadas dos Estados Árabes para ameaças originadas em organizações subestatais irregulares ou semirregulares apoiadas pelo Irã. O Irã, que não é árabe, nem é vizinho de Israel, representa um desafio com possibilidades nucleares da mais alta magnitude. Já as organizações, como o Hezbollah e o Hamas, baseiam-se em uma ideologia islâmica radical que nega o direito de existência de Israel (TABANSKY, 2020).

Nesse novo cenário, a Doutrina Clássica deixou de ser uma opção suficiente para a defesa do Estado e dos interesses de Israel. Dessa forma, o governo e a IDF² foram impelidos a buscar alternativas para atualizar sua abordagem (FREILICH, 2018). No entanto, ao contrário de muitos países, Israel não destinou um documento oficial, aprovado por Parlamento ou governo, para a estratégia de segurança nacional (ANTEBI, 2021).

Em virtude das mudanças geopolíticas no Oriente Médio e na arena interna de Israel, foi estabelecido um comitê do governo, liderado por Dan Meridor³, para tratar da segurança nacional (ANTEBI, 2021).

²A IDF reduziu significativamente suas pesadas forças terrestres, as quais foram otimizadas para enfrentar os Exércitos nacionais e os atores não-estatais. No que diz respeito aos seus métodos de combate, a IDF conferiu maior ênfase à guerra defensiva (FREILICH, 2018).

³Ministro da Inteligência e da Energia Atômica, político da ala moderada do partido governista *Likud*.

Em 2006, o Comitê apresentou suas primeiras conclusões por meio do *Relatório Meridor* (muito do qual ainda permanece classificado). Esse Relatório é considerado o documento mais próximo que Israel possui de um conceito oficial de segurança. Ele foi adotado pelo então ministro da Defesa, Shaul Mofaz, e parte dele foi implementada, embora nunca tenha sido aprovado por um gabinete ou pelo governo (ANTEBI, 2021).

O *Relatório Meridor* lista os objetivos nacionais nos quais o conceito de segurança de Israel está ancorado:

- (1) assegurar a sobrevivência do Estado de Israel e proteger sua integridade territorial e segurança dos cidadãos;
- (2) proteger os valores e as características nacionais do Estado de Israel, como um Estado Judeu e democrático;
- (3) assegurar a capacidade do Estado de Israel manter sua força econômica, como qualquer outro país avançado;
- (4) reforçar a posição internacional e regional do Estado de Israel de busca pela paz com seus vizinhos.

O Relatório estabelece, ainda, vários desafios a serem enfrentados por Israel, como as armas não convencionais, o terrorismo e a confrontação com os Exércitos regulares. Para além, o documento faz menção a outros fatores-chave que formam a agenda de segurança israelense, incluindo a questão Palestina, a arena de política internacional, os recursos de segurança, a vantagem qualitativa de sua Força e o processo de tomada de decisão (ANTEBI, 2021).

Uma década após a publicação do Relatório, Meridor e Eldadi (2019), em um novo estudo, afirmaram que a conclusão do documento, onde se lê que a ameaça militar convencional é pouco provável, dado à força e à superioridade do Exército israelense e à crescente fragilidade do mundo Árabe, ainda permanece válida.

Ao mesmo tempo, outros pontos teriam sofrido grandes alterações: a

cibernética, que se tornou fator central para os conceitos de dissuasão, defesa e ataque; o aumento de componentes do poder brando, como a cognição, a mídia e a lei; por fim, a necessidade de fortalecer a cooperação com os principais protagonistas das arenas internacional e regional (MERIDOR, ELDADI, 2019).

Em resumo, apesar da incomum ausência de um documento oficial, as linhas gerais da segurança israelense estão manifestadas no Relatório do Comitê Meridor e nas políticas atuais.

Pode-se dizer, portanto, que a atual estratégia de segurança de Israel está pautada em quatro pilares: aviso prévio; vitória decisiva no campo de batalha; dissuasão; e, defesa da retaguarda. E seus objetivos centrais são garantir a existência do Estado de Israel, fomentar uma dissuasão eficaz, neutralizar as ameaças e impedir o confronto (TABANSKY, 2020; ANTEBI, 2021).

A apreciação dos quatro pilares revela o quanto a superioridade tecnológica, ao ser integrada nos diferentes objetivos militares, pode favorecer a consecução e a manutenção de cada um deles. Da mesma maneira que, estar preparado para o futuro ambiente operacional, mantendo a vantagem qualitativa conquistada, é essencial para o bom desempenho das Forças.

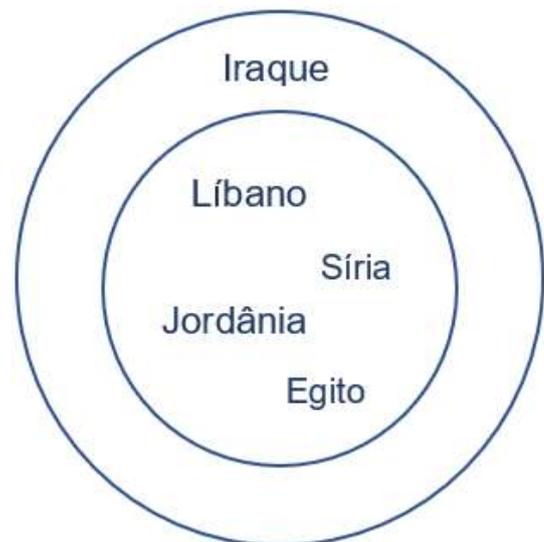
3. O Futuro da Guerra

Em Israel é comum as lideranças militares diferenciarem os vários tipos de ameaças à segurança em razão de sua proximidade com o centro civil, dando origem aos “círculos de ameaças”. Nos primeiros anos da formação do Estado israelense, conforme descrito na seção anterior e ora apresentado na **Figura 1**, o primeiro círculo de ameaças advinha, principalmente, dos países vizinhos: Egito, Síria, Jordânia e Líbano. O segundo círculo de ameaças era

formado pelos Estados não fronteiriços, especialmente pelo Iraque (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Com vistas às ameaças, a estratégia militar israelense, à época, incluía tanto meios defensivos, para salvaguardar suas fronteiras, quanto ofensivos, para derrotar seus rivais em caso de guerra. Além disso, a IDF estava organizada em três comandos regionais - norte, centro e sul – estabelecidos nas fronteiras (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Figura 1: Círculos de ameaças primeiros anos de consolidação do Estado de Israel



Fonte: elaborado pela autora, com base em (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

A partir da década de 1990, os líderes militares identificaram novas ameaças, alterando a percepção de segurança. A **Figura 2** revela essas alterações: no primeiro círculo, localizam-se os grupos e indivíduos terroristas, como a ameaça mais proeminente ao Estado de Israel; o segundo círculo contempla os Estados fronteiriços e os atores não-estatais armados; o terceiro considera os Estados não-fronteiriços. Essas novas percepções de ameaça guiaram a aquisição de armamentos, bem como se refletiram na estratégia, na inteligência de Israel e no plano

operacional da IDF para o período (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Figura 2: Círculos de ameaças após a Guerra do Golfo (1991)



Fonte: elaborado pela autora, com base em (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Assim sendo, a alteração na percepção das ameaças gerou quatro mudanças práticas para a IDF: a alteração da estratégia dissuasória, para conferir maior ênfase à defesa e às armas de longo alcance; a defesa das fronteiras passou de um esforço limitado para ganhar amplo destaque; as operações militares perderam sua grande magnitude e passaram a ser pequenas rodadas de disputa; e o terrorismo deixou de ser um objetivo retórico, para tornar-se uma estratégia (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Neste sentido, Israel criou, em 1992, o *Home Front Command* para proteção de sua população civil em situações rotineiras e de emergência. Desenvolveu o sistema de defesa de mísseis, incluindo os mísseis da família *Arrow*, produzidos de forma conjunta com os Estados Unidos, e o sistema *Iron Dome*, construído para interceptar projéteis de baixa altitude como foguetes e morteiros. Ademais, Israel adquiriu plataformas que aumentaram sua capacidade ofensiva, ao projetarem a força a longas distâncias, com baixo risco e maior letalidade, a exemplo das aeronaves F-35 e dos submarinos (BARAK; SHENIAK;

Figura 3: Interceptação de ameaças de curto alcance pelo Sistema Iron Dome



Fonte: <https://www.bbc.com/pidgin/tori-57140189>

Simultaneamente, Israel reorganizou suas forças de manobra em times de combate encarregados de destruir alvos. Por fim, o foco em operações especiais, especialmente para neutralizar as ameaças do terceiro círculo, teve um notório efeito no desenvolvimento e na expansão das unidades de operações especiais (BARAK; SHENIAK; SHAPIRA, 2020).

Em resumo, as mudanças globais e a alteração na percepção das ameaças fizeram com que Israel, nas últimas décadas, direcionasse mais recursos para uma estratégia abrangente sobre fronteiras, ao compreender tanto meios passivos (barreiras e fortificações) quanto ativos (forças especiais e inteligência). Para o futuro, entretanto, o documento elaborado pelo Instituto do Oriente Médio (MEI da sigla em inglês) sugere quatro possíveis cenários para a região (Quadro 1).

Quadro 1:
Cenários Oriente Médio para 2030

<i>Xadrez Multinível</i>	<i>Panela de Pressão</i>
Profundo envolvimento dos EUA em uma região relativamente estável	Profundo envolvimento dos EUA em uma região instável
<i>Impasse Mexicano⁴</i>	<i>Livre para todos</i>
Desligamento dos EUA de uma região relativamente estável	Desligamento dos EUA de uma região instável

Fonte: elaborado pela autora, com base em (HEISTEIN; RAKOV; GUZANSKY, 2021).

Da análise dos quatro quadrantes, depreende-se que mudanças na dinâmica de competição entre as grandes potências,

⁴ Um impasse mexicano é um confronto no qual não existe estratégia que permita a um dos lados atingir uma vitória sem ressalvas. Qualquer parte que iniciar a agressão pode desencadear sua própria derrota.

especialmente Estados Unidos, China e Rússia, e o envolvimento da primeira na região, repercutirão em alterações significativas na dinâmica regional, variando amplamente o que se pode esperar para o futuro naquela área. De forma a apurar o diagnóstico, o mesmo *think tank* apresenta oito tendências para a região, em 2030, dispostas na **Figura 4**, a seguir.

Figura 4: Tendências Oriente Médio 2030



Fonte: elaborado pela autora, com base em (HEISTEIN; RAKOV; GUZANSKY, 2021).

A primeira tendência refere-se à intensificação da competição e à projeção de Estados poderosos sobre os países do Oriente Médio e do norte da África, ocasionada por uma redução da presença militar norte-americana no Oriente Médio em favor de um direcionamento para a Ásia (“*Pivot to Asia*”), pelo aumento da presença chinesa ao redor do globo e por tentativas da Rússia de se reestabelecer como um ator influente na região (HEISTEIN, RAKOV, GUZANSKY, 2021).

A segunda tendência pressupõe que as potências regionais permanecerão engajadas em competições por influência em países como Síria, Iêmen, Líbano, Líbia e países da África. Essa competição envolverá, principalmente, a coalizão radical xiita liderada pelo Irã, pela aliança islâmica Turquia-Catar e pelo eixo Emirado dos Árabes Unidos-Arábia Saudita (HEISTEIN, RAKOV, GUZANSKY, 2021).

A terceira tendência indica o aumento da repressão política na região, conduzindo a uma diminuição das oportunidades para uma mudança política não violenta e ao surgimento de ideologias mais radicais. A quarta tendência revela a preocupação com o não cumprimento dos acordos de controle de armamentos e, conseqüentemente, com o risco de proliferação nuclear na região (HEISTEIN, RAKOV, GUZANSKY, 2021).

A expectativa de alto crescimento populacional no Oriente Médio (aproximadamente 20%;isto é, 581 milhões de pessoas em 2030) é a quinta tendência futura da região. Já a sexta, não antevê indícios de melhora nos problemas socioeconômicos, tampouco de maior confiança da população nas instituições governamentais. A mudança climática é a sétima tendência que impacta na região, ao gerar escassez de água e de alimentos em áreas já pobres hidricamente (HEISTEIN, RAKOV, GUZANSKY, 2021).

Por fim, o rápido avanço tecnológico tem efeitos sociais e militares ao possibilitar, por um lado, incursões por regimes autoritários na vida particular dos cidadãos (autoritarismo digital) e, por outro, o aumento de sistemas não tripulados e autônomos nos campos de batalha (HEISTEIN, RAKOV, GUZANSKY, 2021).

As oito tendências apresentadas revelam semelhanças com os cinco cenários ameaçadores identificados pelo Instituto para Estudos de Segurança Nacional (INSS, na

sigla em inglês) de Israel, em 2020: (1) formação de uma coalizão militar regional contra Israel; (2) nuclearização regional em decorrência do desenvolvimento de tecnologia nuclear, militar ou civil, por atores regionais; (3) colapso do sistema de defesa de Israel em razão de um ataque combinado liderado pelo Irã; (4) sanções, boicotes e isolamento internacional de Israel com impacto nas capacidades militares e econômicas do Estado; (5) desintegração da sociedade de Israel e perda do controle de seus recursos de poder e de sua identidade judaica democrática.

Para cada um desses cenários, os analistas avaliaram sua probabilidade de ocorrência a curto, médio e/ou longo prazo. O resultado foi compilado no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2: Cenários futuros ameaçadores

Ameaça	Prazo
COALIZÃO MILITAR CONTRA ISRAEL	Longo
NUCLEARIZAÇÃO REGIONAL	Médio e Longo
COLAPSO DO SISTEMA DE DEFESA	Curto e Médio
ISOLAMENTO INTERNACIONAL	Médio e Longo
DESINTEGRAÇÃO SOCIAL	Curto e Médio

Fonte: elaborado pela autora, com base em (WINTER, 2020).

Portanto, conforme o quadro, observa-se que Israel não enfrenta ameaças imediatas. A materialização das ameaças é variável,

enquanto a formação de uma coalizão regional pode ocorrer apenas no longo prazo, haja vista o aprofundamento das relações estratégicas entre Israel e os regimes Árabes, incluindo a luta contra o Islã radical e colaborações na esfera econômica, energética e hídrica. A nuclearização do Oriente Médio e o isolamento internacional do Estado de Israel podem ocorrer a longo e médio prazo (WINTER, 2020).

Já no que diz respeito ao colapso do sistema de defesa de Israel, ele é considerado uma ameaça a médio e curto prazo, que depende, ao mesmo tempo, do sucesso do inimigo e da falha de Israel. No entanto, a julgar pela melhoria contínua das capacidades militares e tecnológicas do Irã, especialmente no segmento de mísseis de precisão, torna-se, cada vez mais, objeto de atenção e um crescente desafio a ser enfrentado por Israel, seja na defesa de alvos estratégicos, da infraestrutura crítica e/ou dos centros urbanos (WINTER, 2020).

Nesse mesmo contexto, os contínuos processos de erosão da democracia e da igualdade cívica ameaçam a coesão da sociedade de Israel a médio e curto prazo. Além dos danos diretos, esses processos podem ter consequências indiretas severas para a segurança de Israel, com um gradual enfraquecimento das Forças Armadas, da economia e da diplomacia (WINTER, 2020).

Em síntese, depreende-se que os prognósticos futuros elaborados por *think thanks* dedicados a pensar sobre o Estado de Israel apontam para desafios advindos do avanço tecnológico e da proliferação de armamentos, com especial atenção ao Irã, lado a lado a uma convulsão social, gerada por problemas socioeconômicos ainda não resolvidos, a descrença no sistema democrático e o aparecimento de ideologias extremistas.

Paralelamente a isso, uma importante mudança está em processo no teatro operacional. As operações, em sua maioria, ocorrerão em áreas urbanas populosas com uso intensivo do subsolo. Nesse sentido, a conservação das vantagens tecnológicas da IDF, bem como o fortalecimento e a modernização do sistema de defesa israelense são fundamentais para manter a coesão interna, assegurar os objetivos de segurança nacional e expressar seu poder internacionalmente.



As ameaças não estão esperando que nós estejamos prontos para elas [...] se não pisarmos no acelerador agora e, literalmente, aumentarmos o *momentum*, uma lacuna desenvolver-se-á, não em um mês, não em um ano, mas nos próximos anos. Isso vai decidir como vamos vencer.



4. Iniciativa de modernização

Em meados de fevereiro de 2020, o Chefe do Estado-Maior da IDF, Aviv Kohavi, apresentou o novo plano plurianual da IDF, denominado *Momentum*, em hebraico *Tnufa*. Em sua exposição sobre os principais aspectos do novo plano, afirmou: “As ameaças não estão esperando que nós estejamos prontos para elas [...] se não pisarmos no acelerador agora e, literalmente, aumentarmos o *momentum*, uma lacuna desenvolver-se-á, não em um mês, não em um ano, mas nos próximos anos. Isso vai decidir como vamos vencer.” (GROSS, 2020b, tradução nossa).

Essa é, portanto, a tônica de criação do atual plano israelense que entrou em operação formalmente em 1º de janeiro de 2020 e irá guiar a Força pelos próximos cinco anos (GROSS, 2020a). Ele sucedeu o antigo Plano *Gideon*, responsável por orientar o planejamento da Força entre os anos de 2016 a 2020, o qual esteve baseado, principalmente, na aquisição de tanques, grandes armas e veículos de transporte de tropas (SOLDIERMOD, 2016).

A concepção do Plano *Momentum*, no ano de 2019, percorreu quatro estágios: (1) diagnóstico; (2) formulação de um novo conceito; (3) modelagem de princípios para o futuro da IDF e (4) estabelecimento de estruturas de planejamento para aumento da Força (LAPPIN, 2020).

Na fase de diagnóstico, em abril de 2019, a IDF reuniu todo o alto comando em um fórum para apresentação dos pontos fortes, fracos e de recomendações para a gestão das Forças. Em seguida, trinta equipes se reuniram para projetar os desafios da próxima década. Organizados em três cores, a equipe vermelha analisou as tendências que moldam o inimigo; a equipe azul olhou para o

futuro da IDF⁵ e a equipe branca para o ambiente estratégico em evolução (LAPPIN, 2020).

Dentre os achados, no que tange às tendências futuras, destacou-se o fato de as armas de precisão estarem se proliferando rapidamente, em grande medida devido à tecnologia de miniaturização. Outro destaque foi a guerra urbana, que deve orientar o combate nos próximos anos (LAPPIN, 2020).

Diante disso, três esforços principais direcionaram o programa de aumento de força na IDF. O primeiro, uma capacidade de atuação em múltiplos domínios, isto é, as unidades deveriam ser capazes de operar simultaneamente no solo, no subsolo, no ar, no espectro eletromagnético e no domínio cibernético. Um segundo eixo foi baseado na atualização do poder de fogo israelense. O terceiro eixo foi projetado para aumentar as defesas da frente doméstica. Oito multiplicadores de força, dentre eles: superioridade aérea, superioridade de inteligência e funcionalidade contínua sob fogo, também foram formulados (LAPPIN, 2020).

Assim, o sucesso do Plano está atrelado a uma Força habilitada para atuar em rede, que seja significativamente mais letal e capaz de destruir as capacidades inimigas em tempo recorde, com o menor número de baixas e custo possível. Logo, nota-se que uma das pretensões centrais do Plano *Momentum* é criar uma força que opere em rede e, para isso, uma das principais alterações está na interconectividade da cadeia de suprimentos. Em outras palavras, isso significa que um batalhão estará conectado digitalmente a todas as forças relevantes em seu setor e à Diretoria de Inteligência (LAPPIN, 2020).

A fim de aproveitar ao máximo as áreas nas quais a IDF é superior aos seus

⁵Foram analisados potenciais números do PIB israelense, tendências sociais e outros fatores que afetarão o IDF, tanto positiva quanto negativamente.

inimigos, os setores de inteligência e de tecnologia ganharão incentivos particulares. Uma das iniciativas foi a criação de grupos de trabalho de inteligência, os quais reúnem representantes de diferentes campos-inteligência humana, inteligência de sinais, análise -para, conjuntamente, atuarem na identificação de alvos (GROSS, 2020b).

No que tange aos sistemas tecnológicos, pretende-se fazer com que todos operem em rede, ou seja, as tropas de infantaria terão acesso às imagens de drones, sendo alertadas sobre ameaças em potencial, enquanto os jatos poderão ser auxiliados por soldados no solo⁶ e vice-versa. Nessa mesma linha, o Plano pressupõe transformação digital e conexão de todas as tropas, por meio do novo sistema de comando e controle, *ZID 750*, fundamental para obter respostas com maior rapidez e precisão (AHRONHEIM, 2020, FINKLER, 2020).

Um dos aspectos mais notáveis do novo Plano da IDF é sua definição revisitada sobre o conceito de vitória. O complexo combate do século XXI, profundamente enraizado em ambientes urbanos, fez com que a percepção de vitória deixasse de ser, simplesmente, a tomada de território inimigo, entendida como um estágio intermediário do processo (LAPPIN, 2020).

A vitória converteu-se na rápida destruição das capacidades inimigas, sejam elas postos de comando, lançadores de foguetes, depósitos de armas, níveis de comando ou o próprio pessoal de combate. Desse modo, hoje, de muito maior importância é a quantidade de capacidades inimigas que a IDF é capaz de destruir e o tempo gasto nisso, do que o território conquistado (LAPPIN, 2020).

⁶ O principal programa utilizado, para tanto, foi denominado *Waze of War*, em referência ao aplicativo de navegação, responsável por permitir aos comandantes localizar facilmente os alvos e definir, dentre os vários métodos, a melhor maneira de atacá-los.

Paralelamente, entre as diretrizes do Plano está uma grande reorganização estrutural das Forças. No Estado-Maior, uma das iniciativas para garantir maior atenção ao incremento de força e à questão iraniana foi a divisão das responsabilidades da antiga Diretoria de Planejamento em duas novas diretorias: a de Força Multipropósito, estabelecida com base na Divisão de Planejamento juntamente com a Divisão de Métodos de Guerra e Inovação; e a de Estratégia e Irã, a ser baseada na Divisão de Planejamento Estratégico e na Divisão de Relações Exteriores (ORION; DEKEL, 2020).

Demais ações na esfera organizacional são: o encerramento de uma brigada blindada que opera veículos desatualizados; a substituição de dois esquadrões que operam aviões antigos; e a atualização dos helicópteros de transporte pesado. O Comando de Defesa Aérea também será reestruturado, à medida que um sistema de defesa aérea nacional for implantado, substituindo o método atual de várias baterias militares espalhadas pelo país. Com a aquisição de baterias adicionais e mísseis interceptores aprimorados, pretende-se centralizar a operação em um só lugar (GROSS, 2020b).

Para mais, alvitra-se a criação de um novo sistema de defesa aérea para se contrapor aos foguetes e morteiros de menor alcance⁷. E, com destaque para este ensaio, a criação de uma nova divisão de combate terrestre, a *Divisão 99* (GROSS, 2020b).

A *Divisão 99* conterà a já conhecida Brigada *Kfir*, a qual será transformada em uma unidade de infantaria superior completa, deixando de se concentrar, exclusivamente, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, para lutar em todas as frentes, com foco no combate

⁷ Composto dos sistemas: *Iron Dome* de curto alcance, *David's Sling* de médio alcance e *Arrow* de longo alcance.

urbano⁸. Será integrada, ainda, por uma brigada de comando, uma brigada paraquedista e uma brigada blindada, todas formadas por reservistas (GROSS, 2020a, HAREL, 2020).

A *Divisão 99* se especializará, também, no combate em áreas fortificadas, fechadas e complexas. A nova unidade multidimensional *Refaim*, um segmento da *Divisão 99*, servirá como uma força de manobra multi-armada, com atuação em qualquer terreno - espaço, ambiente cibernético, entre outros (FINKLER, 2020).

Ainda na Força Terrestre, a IDF criará uma unidade experimental, conhecida como Brigada de Ataque, que incorporará tanto tropas terrestres quanto da Força Aérea, a fim de instruir táticas de combate mais integradas com uso de meios terrestres e aéreos (GROSS, 2020b).

Por fim, o Plano prevê aquisições em grande escala de novos mísseis, drones, veículos blindados, baterias de defesa aérea, helicópteros e navios, além da atualização dos equipamentos já existentes. A complexidade e o alto valor dos investimentos exigirão um aumento significativo do orçamento de defesa, redundando em uma lacuna ainda em aberto entre o orçamento atual da IDF e o que, de fato, é necessário para executar o Plano *Momentum* (GROSS, 2020b, HAREL, 2020).

Com esse pensamento, o chefe do Estado-Maior anunciou, em 2020, a realocação de recursos dentro do próprio Exército, com o objetivo de colocar o Plano em ação o mais rápido possível. No entanto, diante de uma das piores crises econômicas que Israel enfrenta, desde os anos 1980, agravada pela pandemia do coronavírus, a IDF deixou de ser uma prioridade nacional. Nessa conjuntura, o Estado-Maior será obrigado a confrontar uma realidade não presumida quando da idealização do Plano, o

⁸O treinamento para o combate urbano terá prioridade, já que os cenários futuros indicam alta probabilidade de luta contra grupos terroristas em áreas populosas.

que, de alguma maneira, poderá refletir nos resultados pretendidos.

5. Considerações Finais

O presente ensaio teve como principal objetivo explorar e descrever, de maneira geral, o setor de defesa israelense, as tendências futuras, mapeadas por centros de pesquisa para o país e para região, e as estratégias adotadas pela IDF para se adequar ao novo ambiente operacional.

A primeira consideração a ser realizada é a marcante ausência de documentos oficiais da defesa de Israel, sobretudo, acessíveis à pesquisa, sejam documentos políticos, estratégicos, de avaliações ou planos. Isso dificultou a construção do ensaio ora apresentado, mas não a obstou, haja vista a grande quantidade de fontes secundárias disponíveis para a consulta.

Além disso, dentre os destaques iniciais desta conclusão, cabe mencionar o papel proeminente que as Forças Armadas possuem na sociedade israelense, desde sua concepção. Atuando de forma a proteger a integridade territorial, a segurança dos cidadãos e os valores e as características nacionais do Estado Judeu, reforçando sua posição internacional.

No que tange às tendências futuras para o país, fundamentais para o planejamento da defesa, foram apresentadas cinco ameaças, aqui lembradas: formação de coalizão militar contra Israel, nuclearização regional, colapso do sistema de defesa, isolamento internacional e desintegração social. Nenhuma delas, porém, foi considerada imediata ou a curto prazo.

Salientou-se, nos prognósticos futuros, a preocupação crescente com o Irã (mais tarde observada, também, no plano de reestruturação da IDF), o avanço tecnológico, a proliferação de armamentos e o aparecimento de ideologias extremistas.

Paralelamente a isso, uma importante mudança no teatro de operações, verificada tanto nos estudos, quanto nas ações de modernização lideradas pela IDF: maior necessidade de treinamento voltado para áreas urbanas.

Em relação ao Plano *Momentum*, implementado em 2020 e com objetivo de conduzir o reaparelhamento e a reorganização da Força por cinco anos, sublinharam-se, para esta pesquisadora, dois principais aspectos. Primeiramente, em uma esfera conceitual, verificou-se a revisão do conceito de vitória, o qual deixou de estar atrelado apenas à conquista de território, demonstrando uma modificação na percepção de ameaça e no modo de conduzir as batalhas.

De igual magnitude, foi a preocupação demonstrada pela IDF em manter a dianteira tecnológica frente aos seus adversários, apostando em variados sistemas que possibilitam a atuação em rede, capazes de integrar diferentes forças, especialidades e informações na consecução dos objetivos de segurança e defesa. Nessa lógica, o setor de inteligência ganhou grande notoriedade.

Em específico, no que se refere à força terrestre, o Plano contemplou a criação de uma Divisão composta por diversas brigadas responsáveis por atuar nos mais diferentes terrenos, mas com foco principal no combate urbano e de subsolo.

Destarte, a partir da análise do caso israelense e ressaltadas as diferenças entre ambos os países (aspectos físicos e históricos, conjuntura social, econômica e tecnológica atual etc.), sugere-se ao Exército Brasileiro realizar um cuidadoso planejamento de seu futuro, o qual percorra etapas fundamentais

como: diagnóstico, formulação conceitual, modelagem e estabelecimento de estruturas. A ideia é incorporar a esse trabalho diferentes especialidades e setores do EB, a fim de aglutinar as mais variadas perspectivas.

Ao se tratar do desenho da Força futura, identificou-se como relevante, no Exército de Israel, alta flexibilidade e adaptabilidade às alterações nos cenários, possibilitando redistribuir e realocar seus componentes conforme a evolução da conjuntura. Assim, respeitando os limites para a realização de estratégia semelhante no Brasil, adaptação e resiliência são fundamentais para a atuação no futuro ambiente operacional, o que implica indispensabilidade de forças modulares e leves.

Igualmente, o futuro exigirá da estrutura organizacional uma maior proximidade com os arranjos em rede, os quais favorecerão o compartilhamento de dados e de informações e aproveitarão, ao máximo, as capacidades de cada ente para consecução dos objetivos. Nesse sentido, extrapolar os limites da força terrestre brasileira, organizando ações conjuntas com as demais forças, seria um passo a mais na potencialização das ações.

Por último, mas não menos importante, a relevância de investimentos constantes no setor de tecnologia e desenvolvimento de sistemas, lado a lado a um orçamento de defesa robusto, capaz de atender metas de aquisição de equipamentos, treinamento e modernização, garantindo, ao final, a realização dos planos idealizados.

Referências

- AHRONHEIM, Anna. IDF's new multi-dimensional Division 99 to open next month. *Jerusalem Post*. 2020. Disponível em: <https://www.jpost.com/israel-news/idfs-new-multi-dimensional-division-99-to-open-next-month-638956>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- AMIDROR, Yaakov. The Evolution and Development of the IDF. In: **Routledge Handbook on Israeli Security**, COHEN, Stuart; KLIEMAN, Aharon (eds.). Routledge, 2018.
- ANTEBI, Liran. **Artificial Intelligence and National Security in Israel**. Institute for National Security Studies (INSS), memorandum n. 207, 2021.
- BARAK, Oren; SHENIAK, Amit; SHAPIRA, Assaf. The Shift to defence in Israel's hybrid military strategy. **Journal of Strategic Studies**, 2020.
- FINKLER, Kobi. IDF establishes new land maneuvering division. **Israel National News**. 2020. Disponível em: <https://www.israelnationalnews.com/Generic/Generic/SendPrint?print=1&type=0&item=285421>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- FREILICH, Charles. **Israeli national security: a new strategy for an era of change**. Oxford University Press: New York, 2018. 470p.
- GROSS, Judah A. IDF announces plans to turn Kfir Brigade into 'superior' infantry force. **The Times of Israel**. 2020a. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/idf-announces-plans-to-turn-kfir-brigade-into-superior-infantry-force/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- GROSS, Judah A. The IDF's new plan: From "Waze of War" to a general charged with countering Iran. **The Times of Israel**. 2020b. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/from-waze-of-war-to-a-general-devoted-to-countering-iran-the-idfs-new-plan/>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- HAREL, Amos. The Israeli Army has Big ambitious Plans. But there's only one problem. 2020. Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-the-israeli-army-has-big-plans-but-the-economic-crisis-may-hurt-them-1.9080747>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- HEISTEN, Ari; RAKOV, Daniel; GUZANSKY, Yoel. What Will the Middle East Look Like in 2030? An Israeli Perspective. MEI Policy Center, 2021.
- LAPPIN, Yaakov. The IDF's Momentum Plan Aims to Create a New Type of War Machine. **BESA Center Perspectives Paper**, n. 1497, 2020.
- MERIDOR, Dan; ELDADI, Ron. Israel's National Security Doctrine: the Report of the Committee on the Formulation of the National Security Doctrine (Meridor Committee) Ten Years Later. INSS, memorandum n. 187, 2019.
- ORIIN, Assaf; DEKEL, Udi. The Planning Directorate in "Momentum": "Tnufa" – The new IDF Multi-Year Plan. Institute for National Security Studies, INSS Insight n. 1266, 2020.
- SOLDIERMOD. IDF Details "Plan Gideon" an Expansive 5-Year Modernisation Programme. 2016. Disponível em: <https://www.soldiermod.com/volume-16/idf.html>. Acesso em 17 mar. 2021.
- TABANSKY, Lior. Israel Defense Forces and National Cyber Defense. **Connections: The Quarterly Journal**, v. 19, n. 1, p. 45-62, 2020.
- WINTER, Ofir (ed). Existential Threat Scenarios to the State of Israel. Memorandum N° 203, INSS, 2020.